A historical world map, likely from the 17th or 18th century, featuring two circular hemispheres. The map is surrounded by allegorical figures representing the continents and the four seasons. The text is overlaid on the map.

Disciplina: FSL0644
Sociologia do Desenvolvimento – “A invenção do Terceiro Mundo”.
Graduação em Relações Internacionais – USP
2º Semestre de 2019

Docente responsável: Prof. Dr. Alvaro A. Comin (548616) alvcomin@usp.br

Monitores: Policarpo Fontes <pfontes2010@gmail.com> e;

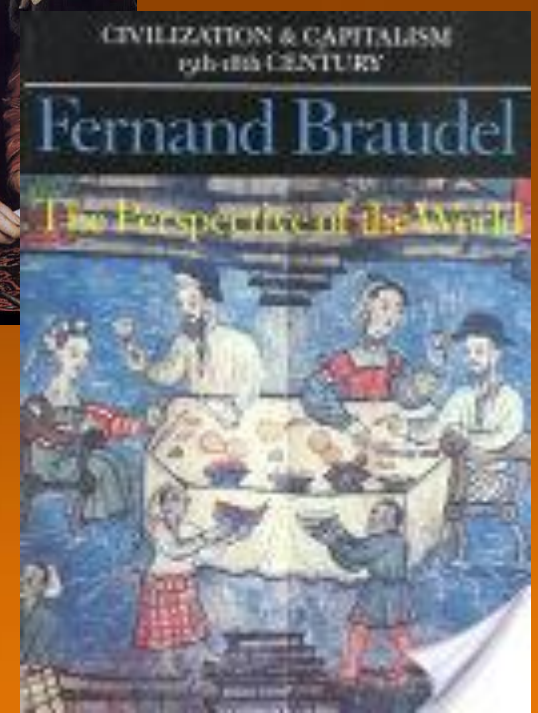
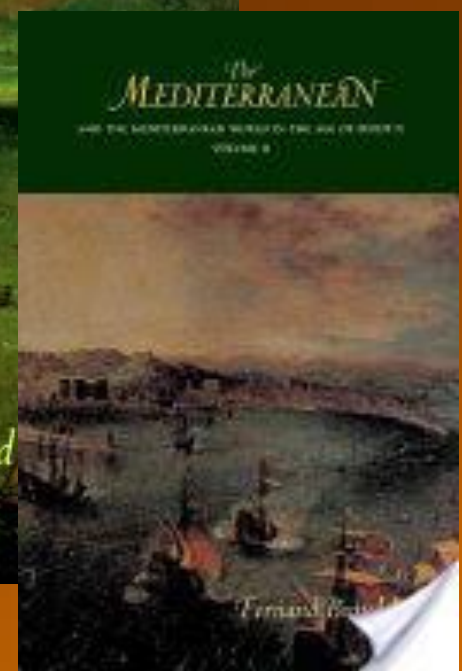
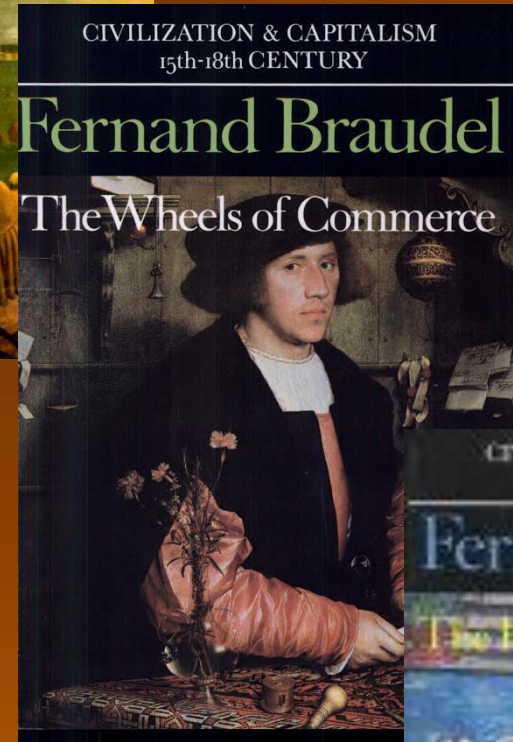
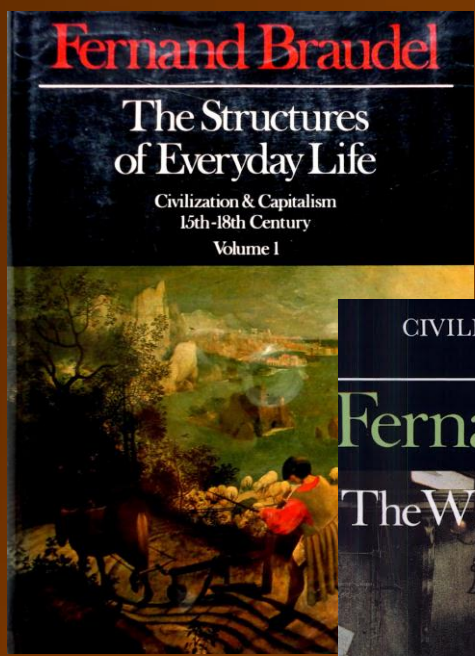
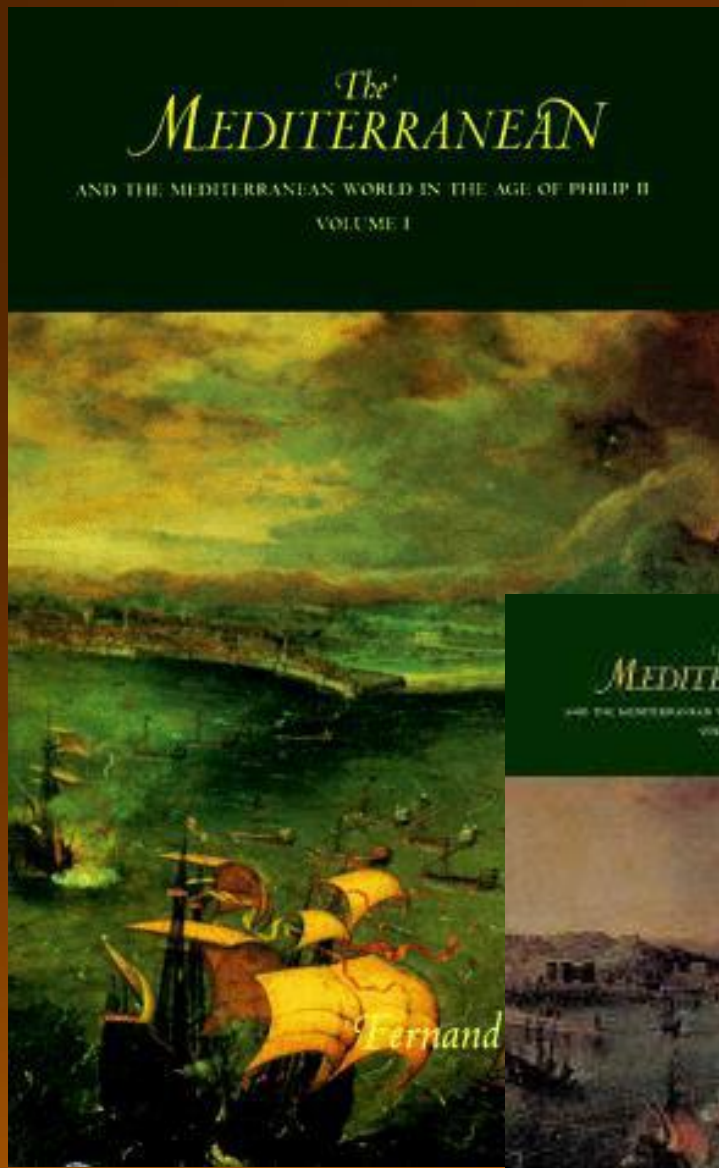
Pedro Micusi Micussi <pedromicussi@gmail.com>;

[16 e 17/ago] 2. O Capitalismo histórico e os mercados mundiais

- Fernand Braudel (1987) A dinâmica do capitalismo. Rio de Janeiro, Ed. Rocco.
- Immanuel M. Wallerstein "The Rise and Future Demise of the World Capitalist System: Concepts for Comparative Analysis. *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 16, No. 4. (Sep., 1974), (pp. 387-415)

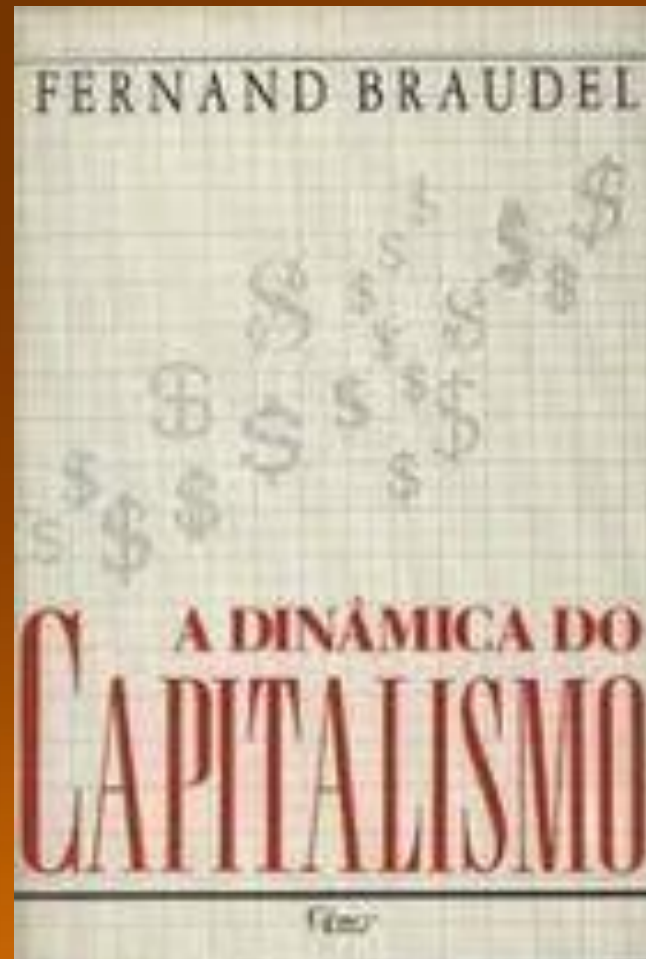
THE MEDITERRANEAN AND THE MEDITERRANEAN WORLD IN THE AGE OF PHILIP II

CIVILIZATION AND CAPITALISM, 15TH-18TH CENTURY.



As 3 esferas da vida econômica

- Vida material;
- Mercado;
- Capitalismo;



O presente e seus passados

Creio que a humanidade está pela metade enterrada no cotidiano. Inumeráveis gestos herdados, acumulados a esmo, repetidos infinitamente até chegarem a nós, ajudam-nos a viver, aprisionam-nos, decidem por nós ao longo da existência. São incitações, pulsões, modelos, modos ou obrigações de agir que, por vezes, e mais freqüentemente do que se supõe, remontam ao mais remoto fundo dos tempos. Muito antigo e sempre vivo, um passado multissecular desemboca no tempo presente como o Amazonas projeta no Atlântico a massa enorme de suas águas agitadas.

Os tempos da história

A chamada história econômica, cuja construção se encontra ainda e tão-somente em curso, esbarra em certos preconceitos: não é a história nobre. (...) Nobre ou não nobre, ou menos nobre que uma outra, a história econômica nem por isso deixa de apresentar todos os problemas inerentes à nossa profissão: ela é a história inteira dos homens, considerada de um certo ponto de vista. É, simultaneamente, a história daqueles que se considera como os grandes atores, um Jacques Coeur, um John Law; a história dos grandes acontecimentos, a história da conjuntura e das crises e, enfim, a história maciça e estrutural que evolui lentamente ao longo dos tempos.

“O homem é o que come”

(...) não creio que se deva relegar para o anedótico o surgimento de tantos produtos alimentares, desde o açúcar, o café e o chá até ao álcool. Eles são, de fato, a cada vez, **intermináveis, importantes fluxos de história**. E não se poderia exagerar, em todo o caso, a importância dos cereais, plantas dominantes da alimentação antiga. **O trigo, o arroz, o milho, são o resultado de escolhas milenares e de inúmeras experiências sucessivas, as quais, pelo efeito de “derivadas” multisseculares (...), tornaram-se escolhas da civilização**. O trigo, que devora a terra, que exige que esta repouse regularmente, implica, permite a criação de gado: poderíamos imaginar a história da Europa sem os seus animais domésticos, suas charruas, suas parelhas de cavalos ou de bois, suas carroças? O arroz nasceu de uma espécie de jardinagem, de uma cultura intensa em que o homem não deixa lugar aos animais. O milho é certamente a mais cômoda e a mais fácil de obter das refeições cotidianas: ele regula o tempo de ócio, daí as corvéias camponesas e os enormes monumentos ameríndios.

As moedas e as cidades

A verdade é que as moedas e as cidades mergulham, ao mesmo tempo, no cotidiano imemorável e na modernidade mais recente. A moeda é uma invenção muito velha, se entendo por moeda todo o meio que acelera a troca. E sem troca não há sociedade. Quanto às cidades, elas existem desde a pré-história. São as estruturas multisseculares da vida mais comum. Mas são também os multiplicadores, capazes de se adaptar à mudança, de a ajudar poderosamente. Poder-se-ia dizer que as cidades e a moeda fabricaram a modernidade(...).

Vida material (*subsistência*) e Mercado

Imaginemos, portanto, a enorme e múltipla extensão que representam, para uma dada região, todos os mercados elementares que ela possui, ou seja, uma nuvem de pontos, para débitos freqüentemente medíocres. Por essas múltiplas bocas principia o que chamamos a economia de troca, situada entre a produção, enorme domínio, e o consumo, um domínio igualmente enorme. Nos séculos do *Ancien Régime*, entre 1400 e 1800, ainda se trata de uma economia de troca muito imperfeita. Sem dúvida, por suas origens, perde-se na noite dos tempos mas não chega a unir toda a produção a todo o consumo, perdendo-se uma enorme parte da produção no autoconsumo, da família ou da aldeia, pelo que não entra no circuito do mercado.

O comerciante e o negociante

Acima dos mercados e dos agentes elementares da troca, as feiras e as Bolsas (estas abertas todos os dias, aquelas funcionando em datas fixas, durante alguns dias, e voltando aos mesmos lugares a intervalos mais ou menos longos) desempenham um papel superior. Mesmo que as feiras estejam abertas, como é geralmente o caso, aos pequenos vendedores e aos comerciantes medíocres, elas são, tal como as Bolsas, dominadas pelos grandes comerciantes atacadistas, aqueles a que em breve se passará a chamar os *negociantes* e que não se ocupam do comércio de varejo.

(...) Simplificando, distinguimos dois registros da economia de mercado: um registro inferior, os mercados, as lojas, os camelôs; um registro superior, as feiras e as Bolsas.

Amarrando a “mão invisível do mercado”

Assim, mesmo no burgo ideal que imaginamos, com seu comércio regulamentado, leal, transparente “olho no olho, mão na mão”, como dizem os alemães – a troca segundo a categoria *B*, a dos intermediários e “atravessadores”, fugindo à transparência e ao controle, não está totalmente ausente. Do mesmo modo, o comércio regular que anima os grandes comboios de trigo do Báltico é um comércio transparente: as curvas de preço na partida, em Dantzig, e na chegada, em Amsterdam, são sincrônicas, e a margem de lucro é, ao mesmo tempo, segura e moderada. Mas basta que a fome grasse no Mediterrâneo, como ocorreu em 1590, por exemplo, e veremos comerciantes internacionais, representando grandes clientes, desviarem de sua rota habitual navios inteiros cuja carga, transportada para Livorno ou Gênova, terá triplicado ou quadruplicado de preço. Também nesse caso a economia *A* pode ceder o passo à economia *B*.

Capitalismo = contramercado

Desde que se suba na hierarquia das trocas, é o segundo tipo de economia que predomina e desenha sob os nossos olhos uma “esfera de circulação” evidentemente diferente: (...) o contramercado.

É evidente que se trata de trocas desiguais em que a concorrência – lei essencial da chamada economia de mercado – dificilmente tem lugar e onde o comerciante dispõe de duas vantagens: ele rompeu as relações diretas entre o produtor e aquele a quem a mercadoria se destina finalmente (só ele conhece as condições do mercado nas duas pontas da cadeia e, portanto, a margem de lucro que obterá), e dispõe de dinheiro para compras à vista, o que constitui seu principal argumento.

Comércio de longa distância

“Ora, quanto mais essas cadeias se alongam, mais escapam às regras e aos controles habituais, mais o processo capitalista emerge claramente. Emerge de maneira fulgurante no comércio de longa distância, (...) o superlativo da vida de troca (...) um domínio de livre manobra, [que] opera a distâncias que o colocam ao abrigo das fiscalizações ordinárias ou lhe permitem contorná-las; atuará, conforme o caso, desde a costa de Coromandel ou do golfo de Bengala até Amsterdam, de Amsterdam a um determinado armazém de revenda na Pérsia, ou na China, ou no Japão. Nessa vasta zona operacional, existe a possibilidade de escolher, e ele escolhe o que maximiza seus lucros: o comércio das Antilhas está dando apenas lucros modestos? Não importa, no mesmo instante o comércio na Índia ou na China está garantindo lucros dobrados. Basta trocar o fuzil de ombro”. (p. 38)

Desses grandes lucros derivam as consideráveis acumulações de capitais, tanto mais que o comércio a distância se reparte apenas entre poucas mãos. Não entra nele quem quer. O comércio local, pelo contrário, dispersa-se numa multidão de partes interessadas.

Capitalismo e comércio de longa distância

“Não é por acaso que, em todos os países do mundo, um grupo de grandes negociantes se destaca nitidamente da massa dos comerciantes, e que esse grupo é, por uma parte, muito reduzido e, por outra, está sempre ligado – entre outras atividades – ao comércio a distância. O fenômeno é visível na Alemanha a partir do século XIV, em Paris desde o século XIII, nas cidades da Itália desde o século XII e talvez mais cedo. O *tayir*, no Islã, mesmo antes do aparecimento dos primeiros negociantes ocidentais, já era um importador-exportador que, de sua casa (o comércio já tinha uma matriz fixa) dirigia agentes e comissionários. Ele nada tem em comum com o *hawanti*, o pequeno comerciante com sua loja no *soukh* [mercado]”.

Capitalismo e Monopólios

Será necessário dizer que esses capitalistas, tanto no Islã quanto na cristandade, são os amigos do príncipe, aliados ou exploradores do Estado? Muito cedo, desde sempre, eles ultrapassam os limites “nacionais”, entendem-se com os comerciantes de praças estrangeiras. (...)

Quem duvidaria de que eles dispõem dos monopólios ou, simplesmente, têm o poderio necessário para, nove vezes em dez, apagar a concorrência?

Escrevendo a um de seus comparsas em Bordéus, um negociante holandês recomendava-lhe que mantivesse seus projetos em segredo; caso contrário, acrescentava ele, “aconteceria com esse negócio o mesmo que com tantos outros em que, quando há concorrência, deixa de haver água para beber!” Enfim, é pela massa de seus capitais que os capitalistas estão em condições de preservar seus privilégios e de se reservar os grandes negócios internacionais da época. (p.39)

Capitalismo e Estado

Assim, o Estado moderno, que não fez o capitalismo mas o herdou, ora o favorece, ora o desfavorece; ora o deixa estender-se, ora lhe quebra as molas. **O capitalismo só triunfa quando se identifica com o Estado, quando ele é o Estado.** Em sua primeira grande fase, nas cidades-Estados da Itália, em Veneza, em Gênova, em Florença, é a elite do dinheiro quem detém o poder. Na Holanda, no século XVII, a aristocracia dos Regentes governa no interesse e inclusive de acordo com as diretrizes traçadas pelos homens de negócios, negociantes e administradores de fundos. Na Inglaterra, a revolução de 1688 marca analogamente um advento dos negócios à holandesa. A França está atrasada em mais de um século: é com a revolução de julho de 1830 que a burguesia comercial se instala, enfim, confortavelmente no governo.

Capitalismo

(acumulação)

As Bolsas de Mercadorias; as Casas de Crédito; as Cartas de Concessões Reais.

Mercados

(trocas)

As feiras regionais e locais; os mascates, o pequeno comércio de artesãos.

Vida material

(subsistência)

Trocas não-mercantis no interior da família, da aldeia, da comunidade.

As esferas da vida econômica